

**REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA E DIFUSÃO DA CULTURA DA INFÂNCIA
REALIZADA POR LYDIA HORTÉLIO PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL
BRASILEIRA**

Ana Luiza Lemos Tomich¹

Resumo: Neste artigo o conceito cultura da infância é tecido pelo viés da educação musical. Além da abordagem a respeito da trajetória de Lydia Hortélio como pesquisadora da cultura da infância, pretende-se aqui refletir sobre as contribuições de sua pesquisa para a educação musical brasileira. Este artigo foi desenvolvido a partir de uma entrevista realizada com Lydia Hortélio em 2011.

Palavras-chave: Lydia Hortélio. Cultura da infância. Educação musical brasileira.

1. Lydia Hortélio

Lydia Maria Hortélio Cordeiro de Almeida nasceu em Salvador/BA, no dia 13 de outubro de 1932, mas foi na cidade de Serrinha que cultivou as memórias de sua infância. Educadora, pianista, etnomusicóloga e pesquisadora da cultura da infância, Lydia Hortélio tem formação em música realizada no Brasil, Alemanha, Portugal e Suíça. Hoje, aos 80 anos de idade, continua a trabalhar. É fundadora da *Casa das Cinco Pedrinhas... Um Lugar de Brinquedo*, onde reúne uma equipe de educadores brincantes de várias regiões do Brasil com o intuito de realizar pesquisa, documentação, prática, estudo e irradiação da cultura da infância. Lydia Hortélio também atua como facilitadora do *Projeto de Formação - A Arte do Brincante para Educadores*, do Instituto Brincante, em São Paulo/SP, que tem como fundador o músico, dançarino e pesquisador Antônio Nóbrega.

Desde 1979 Lydia Hortélio vem atuando na educação por meio da pesquisa e documentação da cultura da infância e das manifestações musicais tradicionais. Apesar de seus estudos abrangerem diversas dimensões da cultura da infância, o foco principal de sua pesquisa é a cultura musical da infância. Durante esses anos Lydia conseguiu reunir brinquedos e brincadeiras, sonantes e não sonantes, de diversos lugares do mundo. Todo este material integra a sua coleção de brinquedos. Parte dessa coleção foi publicada nos CDs *Abra a Roda Tin Dô Lê Lê* (2003), com brinquedos e brincadeiras

¹ Mestranda em Educação Musical pela UFBA. E-mail: analuizatomich@gmail.com

cantadas de diversas regiões do Brasil, e *Ô Bela Alice... Música Tradicional da Infância no Sertão da Bahia no Começo do Século XX* (2005), trabalho realizado em parceria com sua tia Alice Hortélio da Silva, que transmitiu os brinquedos e histórias cantadas de sua memória.

A última publicação de Lydia Hortélio foi o livro *O Presépio ou O Baile de Deus Menino: um Natal brasileiro* (2011), que conta a história do Natal inspirado no Presépio ou O Baile de Deus Menino, manifestação tradicional da Fazenda Grota Funda e seu entorno, na zona rural do Município de Serrinha/BA. Desde 1980, Lydia Hortélio vem realizando em escolas públicas a reconstrução deste presépio. De acordo com Hortélio (2011), o Natal é uma manifestação genuinamente brasileira quando considerada na tradição popular.

A partir de uma ideia de Educação com identidade cultural, esperamos contribuir com este trabalho para o processo de afirmação de Brasil e para o desenvolvimento de uma Educação que venha responder mais verdadeiramente aos anseios da alma brasileira (HORTELIO, p.23, 2011).

Para Hortélio, a educação não está separada da cultura. Sua preocupação em pesquisar e divulgar o repertório tradicional da infância de brinquedos, brincadeiras e canções tem como objetivo a compreensão sobre as múltiplas dimensões da infância e de uma educação enraizada na cultura. O ato de brincar é visto como uma experiência que se renova e como forma de expressão.

2. Cultura da infância

A pesquisa sobre as crianças, a infância e a sua educação tem crescido no Brasil nas duas últimas décadas (ROCHA, 2011). Os estudos da infância são os resultados da construção científica das áreas da sociologia da infância, da filosofia e antropologia da criança, da psicologia da criança e da pedagogia da infância.

A sociologia da infância é uma nova área de pesquisa no campo das ciências sociais que tem construído novos olhares e perspectivas sobre as crianças. Se antes a criança era considerada um ser passivo, desprovida de agência, agora a criança passa a ser vista como um ser provido de opiniões, com sentimentos e subjetividade própria. As novas perspectivas na sociologia da infância atentam para a possibilidade de novos agenciamentos, delegando à criança a possibilidade de ação, o que demonstra uma

inversão de paradigmas no olhar sobre a infância e, ao mesmo tempo, um profundo questionamento do adultocentrismo (ABRAMOWICZ, 2011).

O conceito de infância no campo da sociologia havia sido compreendido como uma transição da natureza à cultura, colocando a criança em uma posição passiva em relação a esta. Atualmente, a criança passou a ser vista como criança social, histórica, política e cultural. Tal mudança de perspectiva influenciou nas lutas pelos direitos das crianças e pela construção de uma sociedade mais justa.

A nova concepção sociológica considera as crianças como participantes de uma rede de relações que vai além da família e da escola ou creche. Como sujeitos sociais, elas são capazes de produzir mudanças nos sistemas nos quais estão inseridas, ou seja, as forças políticas, sociais e econômicas influenciam suas vidas ao mesmo tempo em que as crianças influenciam o cenário social, político e cultural. Nesse sentido, a infância é formada por sujeitos ativos e competentes, com características diferentes dos adultos (NASCIMENTO, 2011, p.41).

A sociologia da infância busca compreender as dimensões das crianças por meio da ação social destas; das interações intra e intergeracionais; das culturas da infância; das crianças no interior das instituições; das crianças no espaço urbano; das crianças e sua relação com a mídia, com o jogo, em seu lazer e sua cultura lúdica.

No Brasil, o pioneiro Florestan Fernandes realizou na década de 1940 uma pesquisa sobre as crianças, na qual foram registrados elementos constitutivos das culturas infantis. Florestan Fernandes observou como as crianças constroem a cultura infantil por meio do registro e análise de suas brincadeiras e o modo como se realiza o processo de socialização das crianças, entre elas e com os adultos, como constroem seus espaços de sociabilidade e quais as características dessas práticas sociais (FARIA e FINCO, 2011).

Na década de 1990, Eloísa Rocha desenvolve um conceito de pedagogia diferente da pedagogia clássica escolar: a pedagogia da infância, onde a criança é ouvida, respeitada em suas diferenças e diversidades e a relação professor-aluno é horizontalizada.

A tradição de estudos da educação, até então voltadas para processos e métodos pedagógicos, como busca de orientações únicas e gerais para a educação das crianças, tratadas de forma abstrata e universal revela seu esgotamento ante as expectativas sociais e políticas dos “novos tempos”, em especial em países marcados por uma extrema desigualdade social e pela pobreza (ROCHA, 2011, prefácio).

A pedagogia da infância aliada ao protagonismo infantil gera uma relação de cumplicidade entre os adultos e as crianças na construção de conhecimentos.

Compreender as dimensões da criança é compreender como a criança enxerga o mundo. O imaginário infantil corresponde a um elemento nuclear de compreensão e significação do mundo por parte da criança (SARMENTO, 2003). Sua inteligibilidade se fundamenta nesta capacidade inventiva ou fantasista, na qual a criança interpreta e cria a realidade a partir do que observa e experimenta. O imaginário infantil corresponde à sua dimensão simbólica e se estrutura na sua cultura lúdica. Os brinquedos, brincadeiras, músicas e histórias são meios de expressão do olhar infantil referente à sua compreensão simbólica sobre o mundo (CARVALHO, 2009). Esse entendimento pode contribuir para a transformação da educação, como diz Sarmento:

Articular o imaginário com o conhecimento e incorporar as culturas da infância na referenciação das condições e possibilidades das aprendizagens – numa palavra, afirmar a educação do desvelamento do mundo e na construção do saber pelas crianças, assistidas pelos professores nessa tarefa de que são protagonistas – pode ser também o modo de construir novos espaços educativos que reinventem a escola pública como a casa das crianças, reencontrando a sua vocação primordial, isto é, o lugar onde as crianças se constituem, pela ação cultural, em seres dotados do direito de participação cidadã no espaço coletivo (2003, p.16).

A ludicidade é característica principal da cultura da infância, entretanto, jogar² não se restringe apenas às crianças. De acordo com o filósofo da segunda metade do século XIX Johan Huizinga o instinto de jogar está presente nos animais, de maneira mais simples, e nos adultos e nas crianças de maneira mais complexa. Para Huizinga (2010, p.3) “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana”. O jogo é um elemento primário da vida e fundamental da cultura humana.

O repertório tradicional infantil de brinquedos e brincadeiras, fruto desse instinto de jogar, faz parte do legado cultural da infância. Para Carvalho (2009, p.39), tal repertório “também caracteriza uma cultura local com traços específicos do contexto onde é praticado, o que fundamenta a ideia de que existe, ao mesmo tempo, a universalidade e a diversidade da brincadeira como prática cultural”. Hortélio reforça essa ideia ao falar que a música tradicional da infância

² Nas principais línguas europeias existe apenas uma unidade terminológica para designar jogar e brincar (em inglês *to play*; em alemão *spielen*; e em francês *jouer*. Sendo ainda em inglês e em alemão tocar um instrumento e representar) o que não torna fiel a tradução desta palavra.

é uma criação altamente diferenciada das crianças do mundo inteiro, cada país tem a sua. Tem os gêneros comuns da música da infância, tem a canção de ninar, os brincos, os brinquedos, agora diferente em cada país, de acordo com a língua do lugar, com a natureza do entorno, as palavras são outras, aparece nomes de árvores e de bichos de acordo com o lugar. A gente precisa saber cultura brasileira, que eu nem gosto de chamar “cultura popular” (HORTÉLIO, 2011).

A música tradicional da infância traz consigo qualidades identitárias e culturais, podendo ser um material fundamental para a realização de uma educação musical brasileira.

A gente tem como fazer uma educação musical brasileira fundamentada na experiência do homem que nasceu no Brasil, 500 anos de Brasil. Ao invés de chegar à escola querendo ensinar, colocar o aluno para ensinar. Por exemplo, eu fiquei observando como eles elaboram os textos: *Ai onaonaê, Ai mini minimá, macarrão com tu ti fá*, (ele começa com a última palavra), *tutifáiaia*, (aí muda) *papagáiaia*, (outra parte), *uni sepesepepepe, uni sopesepepepe, uni supesepepepe*. Têm três partes, se você estudar a estrutura literária, tem princípio de ordem, eles fazem poesia, literatura da melhor qualidade e a gente os coloca dentro da sala de aula para aprender a fazer composição. Eles querem colocar os meninos numa camisa de força, nas formas da população adulta. Assim o mundo não se renova. A gente tem que ver o que é que os meninos fazem dos sonhos deles, das brincadeiras deles, onde eles estão livres e irão trazer o novo, então, a gente aprender disso e devolver para eles. Se houver, e vai haver uma educação musical brasileira, o que vai haver é uma educação humana, uma educação inteira, e do intercuro dessas dimensões todas, ela vai partir é da infância. É minha esperança (HORTÉLIO, 2011).

Compreender a cultura da criança e valorizar a cultura musical brasileira, são apontamentos de Lydia Hortélio para uma educação musical brasileira.

3. Educação musical brasileira

“Se houver, e vai haver uma educação musical brasileira, o que vai haver é uma educação humana, uma educação inteira, e do intercuro dessas dimensões todas, ela vai partir é da infância. É minha esperança.”³

A educação musical no Brasil é uma área de conhecimento ainda muito associada à cultura musical europeia, sendo esta prioritariamente abordada nos cursos de música em geral, ficando então em segundo plano a música genuinamente brasileira, como o choro, o frevo e o samba. O resultado disso é que a maior parte dos métodos

³Lydia Hortélio, Salvador, 2011.

revisados nos cursos de licenciatura em música não foi pensada a partir da cultura musical brasileira. Entretanto, existem vários educadores que se preocupam com a nossa cultura musical e que buscam referências em outras formas de ensino-aprendizagem – que nem sempre são sistematizadas – como, por exemplo, a transmissão dos conhecimentos dos mestres das diversas manifestações musicais tradicionais. Outro exemplo é o Método Passo, elaborado por Lucas Ciavatta, educador musical que encontrou limitações diante da realidade das escolas brasileiras, onde há uma grande demanda de estudantes e pouco recurso material.

A atuação de Lydia Hortélio, seja em suas pesquisas, publicações, palestras ou oficinas de formação tem chamado à atenção de diversos educadores - não somente da área da música - pois Hortélio nos atenta para uma educação construída juntamente com a criança e a partir da compreensão das dimensões de sua cultura; para uma educação integral; e para uma educação para a sensibilidade. Em suas oficinas e palestras, Hortélio propõe ao educador ser também um pesquisador da cultura da infância e buscar em si as memórias de sua própria infância. A respeito do repertório de canções infantis brasileiras, Hortélio comenta que os educadores se limitam àquelas canções recolhidas por Villa Lobos, ignorando a existência de um vasto repertório ainda desconhecido do cancioneiro infantil do Brasil. Somente em sua pesquisa na cidade de Serrinha/BA, Lydia Hortélio recolheu mais de 100 canções, brincadeiras e histórias cantadas, sendo que 35 entraram para o CD *Ó Bela Alice* (2005).

A cultura musical da infância corresponde ao legado de canções, cantigas de roda, jogos de mãos, cantigas de versos, histórias cantadas, parlendas, brincos, acalantos, dentre outras brincadeiras musicais, pois possui características de tradicionalidade, transmissão oral, anonimato, conservação, mudança e universalidade. Tal repertório vem, ao longo dos anos, sendo criado pelas próprias crianças e também por adultos, perpetuando as cantigas e brincadeiras que realmente transitam no universo infantil. Ao analisarmos esse repertório da cultura musical da infância sob a ótica da educação musical, podemos ver o nível de complexidade musical que as crianças são capazes de executar e até mesmo criar - como os jogos de mãos, no qual ocorre coordenadamente o canto e jogo de mãos, que podem variar o grau de dificuldade.

Com o retorno da música nas escolas, nos questionamos sobre qual música é adequada à educação musical. Diante disso, a diversidade e a multiculturalidade musical

surtem como importantes fatores a serem considerados. O que Hortélio nos aponta é que a educação musical deve partir da nossa própria cultura para que tal musicalidade possua identidade e possa se desenvolver. Ela segue falando sobre a educação musical pautada nos referenciais da cultura brasileira:

Eu acho que a cultura brasileira no currículo da escola é fundamental, é inadiável. Eu vejo que a cultura brasileira começa com uma cantiga de ninar que uma mãe brasileira embala, seja lá de uma zona rural ou de uma cidade, é o primeiro momento que um brasileiro houve a língua mãe e a língua mãe musical. É um momento sagrado... Então, ela canta uma cantiguinha: *Sururu, menino mangu, cabeça de gato, nariz de culu*. Toda alfabetização já está aí... Se formos pensar numa educação musical brasileira, ela parte de uma música tradicional da infância, onde esta música seja praticada e tenha condições de se desenvolver. Nessas peças está desenhada toda a música brasileira, os vários ritmos de xote, baião, de samba, marchinha. Está tudo ali, não só a língua, mas a entonação, o ritmo, o sotaque (HORTÉLIO, 2011).

Na cultura da infância podemos perceber como não existe fragmentação entre cultura e educação, isto é, a criança é inteira e sensível ao mundo externo.

4. Conclusão

Apesar de não possuir nenhum vínculo com as universidades, Lydia tem sido referência nos estudos da cultura da infância. Ao longo dos anos, a divulgação da sua pesquisa vem semeando em nós, educadores musicais, esse novo olhar diante da educação musical construída a partir da cultura da infância. E, se tratando de Brasil, devemos considerar as diversas possibilidades de desenvolvimento e afirmação de uma educação musical genuinamente brasileira, decorrente da nossa pluralidade cultural.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. *A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância*. Sociologia da infância no Brasil. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; & FINCO, Daniela. Cap. 1. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; & FINCO, Daniela. *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

HORTÉLIO, Lydia. *O Presépio ou O Baile de Deus Menino: um Natal Brasileiro*. Salvador: CRIA e Casa das Cinco Pedrinhas, 2011.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. *Reconhecimento da sociologia da infância como área de conhecimento e campo de pesquisa*. Sociologia da infância no Brasil. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; & FINCO, Daniela. Cap. 2. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

ROCHA, Eloisa AciresCandal. *Prefácio*. Sociologia da infância no Brasil. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; & FINCO, Daniela. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

Gravação em CD

HORTÉLIO, Lydia. *Abra a Roda Tin Dô Lê Lê*. Pesquisa e direção: Lydia Hortélio. Produção Instituto Brincante (CD). São Paulo, 2003.

_____. *Ó Bela Alice...* Música Tradicional da Infância no Sertão da Bahia no começo do Século XX. Pesquisa e direção: Lydia Hortélio. Arranjos, Antonio Madureira (CD). São Paulo, 2005.

Entrevistas

HORTÉLIO, Lydia. Entrevista de Ana Luiza Lemos Tomich em 28/11/11. Salvador. Tipo de registro: Gravador. Local: Casa da Lydia.

Internet

CARVALHO, Levindo Diniz (2009). *Infância, brincadeira e cultura*. HORIZONTES Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, Vol. 27, N. 2. Educação. Disponível em: <[http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes_web\[16555\].pdf#page=37](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes_web[16555].pdf#page=37)> Acesso em: 20 de outubro 2012.

SARMENTO, Manoel Jacinto (2003). *Imaginários e culturas da infância*. Cadernos de Educação. Disponível em: <http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_Infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf> Acesso em: 20 de outubro 2012.